

Mães 'transferem' desigualdade social

Baixa escolaridade materna prejudica qualidade de vida da criança

ALCIONE COUTINHO

Os dados são alarmantes, mas comprovam uma realidade que há anos faz parte do cenário brasileiro: a desigualdade de oportunidades entre as crianças. Um relatório preliminar produzido pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) aponta que a raça, o local de nascimento, deficiências físicas e até mesmo o grau de escolaridade da mãe exercem papel essencial na perspectiva de vida dos pequenos.

Nesse contexto, a pesquisa demonstra que a desigualdade existente no país é um obstáculo à garantia dos direitos de crianças e adolescentes. Os dados são nacionais, mas, no Espírito Santo a situação não é diferente. No Estado, 5,6% das pessoas, entre sete e 14 anos, e 17,4%, entre 12 e 17 anos, estão fora da escola. Nesse roteiro, a pesquisa demonstra que 10,9% dos adolescentes, de 10 a 15 anos, e 34,1%, com idade entre 16 e 17 anos, trabalham.

Segundo o Unicef, filhos de mães com baixa escolaridade têm 11 vezes mais chances de não freqüentar a escola e sete vezes mais chances de ser pobres. É o

caso da família do confeitiro Marcelo Silva Santos, 38 anos, morador de São Pedro I, Vitória.

"Minha mãe estudou pouco e eu só fiz até o primeiro ano primário (ensino fundamental). Os meus nove irmãos também quase não foram ao colégio. Tenho três filhos e incentivo todos eles a estudarem. Assim, poderão ter uma vida melhor", ressaltou.

Um dos dados mais graves da pesquisa é a constatação do impacto da escolaridade da mãe nas perspectivas de vida da criança. O relatório mostra que crianças cujas mães têm menos de um ano de estudo apresentam um risco quatro vezes maior de trabalhar na infância.

Reflexo

A subsecretária de Educação Básica e Profissional da Secretaria de Estado da Educação, Eliza Bartolozzi Ferreira, afirmou que a pobreza gera um problema social tão grande que reflete diretamente na Educação.

A subsecretária ressaltou que a escola não é o único instrumento para resolver esse problema. "A escola cumpre o seu papel de estar nas comunidades urbanas e do interior. A Educação é fundamental, mas não resolve a pobreza. O que resolve é um modelo de desenvolvimento mais justo, que mexa na distribuição de renda", disse. O Unicef pretende discutir fórmulas de tentar combater a exclusão.

'Ciclo vicioso' reduz chance nos estudos

ADRIANA MENEZES

Além dos problemas referentes à questão social, as crianças e adolescentes têm suas chances de acesso à qualidade de vida, Educação e Saúde reduzidas quando suas mães possuem menos de um ano de escolaridade. Este foi um dos quesitos estudados pela pesquisa da Unicef.

O reflexo maior desse fator recai sobre a educação, já que as crianças cujas mães não estudaram possuem 23 vezes mais chances de não serem alfabetizadas entre os 12 e 17 anos.

Para a doutora em Sociologia e professora da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Antonia de Lourdes Colbari, as mães sempre possuíram um papel de destaque na escolarização dos filhos. "Entretanto, como o próprio IBGE aponta, cresce o número de famílias chefiadas por mulheres, sobrecarregando o seu papel de educadora e impedindo que ela mesma invista em sua educação".

Em sua avaliação, a situação acaba representando um ciclo vicioso na medida em que os filhos destas famílias também ingressam mais cedo no mercado de trabalho.

Crianças negras sofrem desvantagens

A igualdade de oportunidades na infância e adolescência brasileira passam necessariamente por ações de combate à discriminação racial. Isto porque a pesquisa constatou que entre as crianças, ser negro significa correr três vezes mais o risco de não ser alfabetizado entre os 7 e 14 anos e entre os 12 a 17 anos.

A cor da pele também influencia a questão econômica já que a criança negra tem duas vezes mais chances de ser pobre. O dado chamou a atenção do coordenador do Centro de Estudos da Cultura Negra, Luiz Carlos Oliveira. "A pesquisa mostra o que já vem ocorrendo na prática já que não existe vontade das autoridades em desenvolver políticas afirmativas para a população afro descendente", critica.

O coordenador acrescenta que as pressões ocorrem em todos os níveis, mas não houve efetivação de medidas. "A implantação da Secretaria Especial para Promoção da Igualdade Racial pelo Governo Federal foi um passo importante, mas não deve parar por aí", opina Oliveira. (A.M)

Impactos

Quem é pobre tem:

2	vezes mais chances de	estar trabalhando
8	vezes mais chances de	não freqüentar a escola (7 a 14 anos)
18	vezes mais chances de	morar em domicílio sem esgotamento sanitário
21	vezes mais chances de	não ser alfabetizadas (12 a 17 anos)
30	vezes mais chances de	morar em domicílio sem água
68	vezes mais chances de	morar em domicílio sem geladeira ou freezer

Filhos de mãe com baixa escolaridade tem:

4	vezes mais chances de	estar trabalhando (entre 10 e 15 anos)
7	vezes mais chances de	ser pobre
11	vezes mais chances de	não freqüentar a escola (entre 7 e 14 anos)
11	vezes mais chances de	morar em domicílio sem esgotamento sanitário
16	vezes mais chances de	morar em domicílio sem água
23	vezes mais chances de	morar em domicílio sem geladeira ou freezer
23	vezes mais chances de	não ser alfabetizado (entre 12 e 17 anos)

Quem é negro tem:

2	vezes mais chances de	ser pobre
2	vezes mais chances de	Não freqüentar a escola (7 a 14 anos)
2	vezes mais chances de	morar em domicílio sem esgotamento sanitário
2	vezes mais chances de	morar em domicílio sem água
2	vezes mais chances de	morar em domicílio sem geladeira ou freezer
3	vezes mais chances de	não ser alfabetizada (7 a 14 anos e 12 a 17 anos)